

# Histórias de Vovó Têca.



*Fellype Costa*

Minha avó, assim como tantas outras avós mundo a fora, teve muitas histórias pra contar. Mas poucas histórias certamente influenciaram tanto a vida de um neto a ponto dele querer materializá-las num livro. As histórias que ouvi da minha avó contribuíram para a formação dos meus valores e para a visão que do mundo. Elas atravessaram décadas e eu agora tenho o prazer de compartilhá-las

O que o leitor encontrará nas próximas páginas deste livro são, portanto, histórias contadas por Dona Terezinha, uma senhora amável, de vida simples, e que já ouviu e já viveu muitas coisas inusitadas, as quais tornavam menos dolorosos os sofrimentos da vida. Foram situações especialmente marcadas pelo trabalho infantil e pelos acontecimentos de pessoas que viveram numa época com outras crenças e outros costumes, superstições e relatos que, por vezes, nos dão uma aula da conservação de cultura. Comparadas as aventuras vivenciadas pelos jovens de hoje, imersos no mundo da tecnologia e da novidade, as aventuras vivenciadas pelas pessoas nos décadas de 40 e 50 eram contar histórias, criar superstições, deixar a vida menos monótona e previsível.

Eu vejo a importância de todas essas histórias que a mim foram contadas pelo fato de elas fazerem parte da minha vida desde muito cedo, no convívio com a minha avó. Fui criado por uma senhora que, antes de eu pegar no sono, enchia a minha imaginação com suas histórias bem contadas e bem vividas, as quais justificavam toda a sua trajetória de vida. Posso dizer, sem receio, que os melhores momentos da minha vida foram e sempre serão os dias em que pude ter minha avó ao meu lado. Por cuidar de mim, por realizar os meus caprichos, por ser honesta em todos os momentos, por me amar como seu eu fosse o seu filho (e eu era mesmo), é que eu posso dizer que tive a melhor avó do mundo. Lembro-me como se fosse hoje o seu olhar de ternura a me admirar “Como você cresceu, meu neto! Tornou-se um homem.” e suas incansáveis declarações: “Eu sou mãe duas vezes. Sou sua mãe por ser mãe da sua mãe e sou sua mãe por ter lhe criado”, dizia inúmeras vezes, como que insistindo naquilo que eu jamais deveria esquecer.

Jamais me esquecerei dos momentos em que a senhora vinha até meu quarto, em passos leves e com aquele jeito meigo, pedindo que eu lhe fizesse companhia, pois só estávamos nós dois em casa. Sou eternamente grato por essas noites, minha avó, em que pude ouvir suas lições de vida e seus conselhos valiosos, que eu levarei por toda a vida.

Ofereço este livro à senhora, *voinha*, que agora vive no plano espiritual, mas que está eternizada em meu coração.

Fellype Costa,

30 de janeiro de 2013, Palmeira dos Índios-AL.

## Sua Infância

Desde muito cedo minha avó teve que trabalhar para ajudar os seus pais, que tinham pequenas roças de algodão, milho e feijão. Os meus bisavós sempre viveram em Palmeira dos Índios, interior de Alagoas. No início da década de 20, o sustento das famílias dessa região era retirado dessas plantações, onde todos da família se uniam para ajudar na hora da colheita. E foi nesse meio que nasceu minha avó.

Terezinha Cavalcante de Oliveira, que mais tarde passou a ser chamada de “Têca”, filha de Seu Antônio e da Dona Júlia, nasceu em 10 de setembro em 1927. Nessa época ela já tinha duas irmãs, Maria Cavalcante e Josefa Cavalcante, vindo alguns anos depois Maria José Cavalcante, Dalva Cavalcante e Antônio Cavalcante. Todos eles começaram a trabalhar antes mesmo dos doze anos.

Era a infância que cedia lugar à vida de adulto. Minha avó, além de ter trabalhado na roça durante toda a adolescência, foi também *piniqueira*, como eram chamadas as jovens que trabalhavam como domésticas nas casas das senhoras (esposas dos homens de negócio). O nome fazia referência aos penicos que as jovens pela manhã retiravam debaixo da cama de seus patrões.

Terezinha sofreu muito preconceito por realizar esse tipo de trabalho, já que para a sociedade daquela época quem fazia essas coisas não merecia respeito, dado que era um trabalho para quem não tinha família. Mas Terezinha tinha família, apesar de precisar de uma ocupação para ajudar no sustento em casa.

Ela e seus irmãos tiveram apenas alguns poucos anos de estudo. Frequentaram os grupos, na casa de professores que se interessavam em ensinar aos mais novos sem receber nada em troca. Aprenderam a ler, a escrever um pouco e a fazer contas. Depois abandonaram a escola. Naquele tempo só podia permanecer na escola os filhos de pais ricos. E tanto que Terezinha desejava ir à escola, aprender o ofício de professora e brincar de quebra-pote nas festas de São João. Mas tudo isso estava distante da realidade de quem ainda criança era obrigada a ter responsabilidade com a casa e com a família.

## Seu Casamento

Vovó casou-se com Cícero Ferreira de Lima, aos 17 anos, “sem saber nada da vida”, como ela mesma dizia.

Cícero nasceu em 1920, na cidade de Anadia-AL e foi o primogênito do casal Pedro Ferreira de Lima e Maria Antônia Ferreira de Lima. A família veio para Palmeira dos Índios em 1937. Com apenas 17 anos de idade, Cícero arranhou o seu primeiro emprego numa rede ferroviária. Depois de quatro anos foi trabalhar no armazém Carnaúba, cujo emprego deu-lhe o título de Cícero Carnaúba e fez-lhe conhecer Terezinha.

Aprendeu as primeiras letras com a mãe, mas depois foi matriculado numa escola particular, onde fez todo o ginásio. Seu professor, o Mestre Salu, cansava de elogiar-lhe, dizendo que ele tinha futuro com as letras, pois escrevia belíssimas poesias.

Aos 17 anos já o consideravam poeta. Carnaúba escrevia versos que homenageavam sua região. Mais tarde escreveu poesias que valorizavam a família e os bens materiais que ele sonhava em deixar para os filhos. Uma de suas poesias até falavam de uma época em que o Nordeste estava com seus rios cheios e o Sul vivenciando uma crise provocada pela seca. A poesia ressaltava essa contradição:

Chove em todo o Ceará  
As pasagem é uma beleza  
Só se ver peixe saltando  
Nas águas da correnteza  
E mudou-se para o Sul  
Toda a nossa pobreza

Estamos cumprindo a profecia  
Do Padre Cícero Romão  
Ele sempre dizia  
Novos tempos virão  
Do Sertão virá Sul  
E o Sul virá Sertão.

A seca La no Sul  
Esta um caso feio  
E aqui no Nordeste  
Todos os rios estão cheio  
Arado de boi cortando terra  
E a roda passando no meio

Minha avó morava em frente ao Armazém Carnaúba e, todas as vezes que saía de casa, acompanhada da mãe e das irmãs, percebia os olhares do rapaz ,que cumprimentava-lhe tirando o chapéu.

Dias depois do primeiro cumprimento meu avô começou a enviar-lhe poemas de amor. A primeira reação de Terezinha foi de surpresa. Como o poeta não se identificou , ela tinha como suspeita mais de cinco rapazes. È que Terezinha foi muito paquerada na sua juventude, e os rapazes eram doidos para ter compromisso com ela, que ao contrário de suas irmãs, não sonhava em sair da casa dos pais para viver com um desconhecido.

Cícero já havia sido casado e tinha uma filha. Contava apenas 21 anos quando sua dona se apaixonou por um caminhoneiro e fugiu com ele. Cícero estava à procura de outra esposa, que de preferência não o abandonasse. Começou a cortejar minha avó, mandando-lhe, todos os dias, poesias de amor. Foram necessárias inúmeras poesias para conquistar a moça, que até então nunca tinha se apaixonado.

Depois de identificar-se como o autor das poesias, pediu a mão da moça em casamento. Terezinha disse que ele teria de falar com seu pai, o seu Antônio, pois só poderia namorar se ele permitisse. O Seu Antônio, vendo que o rapaz tinha boas intenções, além de ser um exímio trabalhador, aceitou.

Minha avó ainda hesitou, pois ele já havia sido casado, tinha vivido muita coisa, e ela não. Como seria casar? Como seria casar com um homem que já fora casado e ainda por cima tinha uma filha? Mas ela não podia negar que estava encantada com aquele poeta de olhos azuis. Meses depois da primeira poesia de amor, casaram-se.

## Seus 25 Filhos

Vinte e cinco filhos! Não foram cinco, nem dez, nem quinze, nem vinte, nem vinte e quatro. Foram vinte e cinco. Todos se admiravam quando ouviam minha avó dizer que tinha tido essa enorme quantidade de filhos. E se entristeciam quando ela contava que somente nove vingaram.

Todos os partos normais, sem nada de pré-natal, sem nada de repouso ou qualquer tipo de acompanhamento médico. Tudo isso é coisa dos tempos de hoje, dizia minha avó. E dizia numa tristeza de dar dó. Dezesseis de seus filhos morreram sem nem chegarem a chorar pela primeira vez. Morreram ainda na barriga, por complicações que hoje são detectáveis com a ultrassografia. Sem os cuidados necessários, o menino simplesmente não vingava. Não existiam medicamentos, não existiam prevenções. Cada criança que nascia morta levava embora uma parte de Terezinha.

Não era fácil aceitar tudo isso sem se lamentar pelas crianças que não cresceriam. Se a dor física era muito forte, imagine a dor psicológica. Se para aquela não havia medicamentos, para essa é que não existia mesmo. Se existisse, fosse talvez a vida do próximo menino, pois era uma festa quando o filho vingava. E eles eram quem davam forças para a minha avó trabalhar e ter o que dar-lhes de comer.

Enxoval era coisa de rico. As roupas das crianças maiores ficavam para as menores, nada se perdia. Quando uma roupa rasgava, minha avó imediatamente a remendava, assim como ela se via obrigada a remendar a sua dor do filho que não nascia. E os irmãos mais velhos que cuidassem dos mais novos. Terezinha, ainda de resguardo, ia para a roça colher algodão para depois vendê-lo com o marido. Era disso que viviam naquela época. O dinheiro adquirido com a venda de algodão garantia o alimento na mesa. Mas não garantia divertimento e nem roupas novas para as crianças. Meu avô não gastava dinheiro com brinquedos e nem com roupas. Mas quando o remendo já não dava conta das roupas, era preciso fazer alguma coisa. E minha avó fazia. Uma vez ela teve de tirar dinheiro do bolso da calça do meu avô para comprar algumas roupas para os filhos.

“Que Deus me perdoe se o que eu fiz foi errado!”, dizia todas as vezes que contava esse episódio. De tão honesta que era, atormentava-lhe o fato de ter feito coisas sem o consentimento do marido. “A senhora fez o certo, não poderia deixar os seus filhos andarem nus”, dizia eu, numa tentativa de mostrar para ela que tudo o que ela tinha feito havia sido por amor.

## Uma vara e meia

Contava-me minha avó que, certo dia, um homem foi à cidade para comprar tecido, queria mandar fazer uma camisa para usar no seu noivado. Dedé, um homem de mais ou menos cinquenta anos, estava ansioso para o tão esperado dia de seu casamento. Já que nunca mandava fazer roupas novas, dessa vez não queria economizar dinheiro e, por isso, resolveu fazer não uma, mas duas ou três camisas, no intuito de impressionar sua noiva Lili.

Lili era uma jovem, menina ingênua, assim como eram as moças daquela época. Era comum o casamento de homens maduros com mocinhas ainda na flor da idade. Não existiam informações sobre sexo e gravidez, portanto a moça não podia falar sobre essas coisas e muito menos fazer perguntas indevidas. A maioria delas casava inexperiente, sem nunca terem ouvido explicações do pai sobre a primeira noite que passariam ao lado do marido.

Dedé foi até a loja e chegando lá pediu três varas de tecido. Como a vara tinha um metro e era utilizada para medir o tecido, a funcionária logo entendeu que ele queria três metros para assim fazer duas ou três camisas. Satisfeito com a compra, o homem passou na costureira e deixou um metro e meio do tecido para que ela lhe fizesse a camisa do noivado. Os outros um metro e meio Dedé levou até casa da noiva no intuito de mostrar-lhe que bonita ficaria a camisa que ele usaria no casamento. Prossegui caminhando até a casa de Lili.

Aconteceu de os pais de Lili terem saído e a deixado em casa com as portas trancadas. Era comum os pais fazerem isso, acreditavam que assim estariam protegendo a filha até o dia do casamento. Pensavam eles que se não fizesse desse jeito a moça sairia para encontrar-se com o seu futuro noivo e acabar entregando-se a ele antes do casamento. Tudo tinha de ser feito para preservar a honra da filha. Mas faltavam apenas alguns dias para o noivado e Dedé queria, a todo custo, impressionar a moça. Então não conseguiu esperar para o outro dia e, ao ver a porta trancada, contou a novidade ali mesmo pela brecha da porta.

- Minha futura noiva, advinha de onde eu venho?

- Sei não, meu futuro noivo. Me diga!

- Adivinhe! Vou dar uma dica: tenho aqui uma vara e meia, gabando-se, falou Dedé.

- Uma vara e meia? - Assustada, perguntou Lili, que pensou ser uma daquelas coisas que ela só poderia ver depois do casamento.

- Sim, minha noiva, uma vara e meia, repetiu Dedé.

- Mas e é tão grande assim? Retrucou a moça, mais assustada ainda.

- Oxe, se é. E ainda deixei uma vara e meia bem ali.

- Oh meu Deus! É muito grande, meu noivo. Nunca que eu podia imaginar. Assim é demais pra mim! Quero mais não. Eu aqui imaginando uma coisa menor que meia vara e você vem me dizer que tem três varas? Vou ficar solteira o resto da vida. Suma da minha porta!

E dizendo isso Lili começou a chorar. Correu para o seu quarto, assustada com o que tinha acabado de ouvir. Três varas? Ela jamais suportaria aquilo. Sem entender nada, Dedé ficou ali parado na porta de sua futura noiva, tentando imaginar o que havia feito de errado. Será que ela não queria que ele gastasse dinheiro com tecido? Ou será que ele tinha comprado tecido demais?

Confuso e cabisbaixo, Dedé seguiu para casa. Via-se na rua aquele homem tristonho, com uma vara e meia de tecido na mão.



## O soldado

Vovó Têca sempre teve medo dos soldados. Dizia que a aparência de homem sério e próprio cargo de autoridade que eles ocupavam assustavam-na. Quando menina, ela não podia ver um soldado que, no automático, já saía correndo.

Certa vez, em sua mocidade, ela decidiu chegar perto de um dos soldados que sempre passavam em frente a sua casa. Pretendia chegar bem perto pra ver se ele realmente fazia medo ou se por trás daquele uniforme, de repente, existia o homem dócil. Mesmo morrendo de medo por dentro, decidiu ir de encontro ao soldado.

Numa manhã de verão estava ela tirando manga no pé do quintal de casa para vender na feira, pensando no que ia perguntar ao soldado. “Por que o senhor é tão sério?”, “Sem essa roupa, o senhor é um homem normal?” “Eu tenho medo do senhor, sabia?”. Quanta coisa ela queria dizer a um simples homem que apenas estava exercendo o seu ofício!

Foi então que Terezinha arrumou as mangas no balaio e pegou o caminho por onde sabia que viria um dos soldados, que àquela hora estaria fazendo suas caminhadas diárias. Assim que virou a esquina para chegar a feira, que ficava perto do quartel, ela avista o homem sério de roupa verde com marrom marchando militarmente em sua direção. Ele estava acompanhado de mais dois rapazes, todos usando o mesmo uniforme e sem conversarem entre si. Eles vinham tão sérios que parecia estarem vindo a serviço de prender a moça do balaio de manga.

Ela sentiu o coração palpitar as pernas tremerem. Estava disposta a sacudir aquele balaio de manga em cima dos três soldados, caso eles quisessem prendê-la. Os homens estavam cada vez mais se aproximando. O que ela faria? Saía correndo ou enfrentaria os três? Se eles a prendesse, o que ela diria a seus pais? Mas ela era tão pequena perto daqueles grandalhões.

Não contou histórias e muito menos fez perguntas. No impulso de quem acreditava que seria pega, ao ver os três soldados se aproximarem, sacudiu o balaio cheio de mangas na rua e voltou correndo para casa. As mangas- rosa e bem maduras rolaram soltas pelo chão.

Ao verem aquela cena, aqueles três soldados, que já tinham planejado assustar a moça, caíram no riso, juntaram as mangas no balaio e continuaram a sua caminhada.

- Como é fácil roubar mangas das mocinhas ingênuas, comentaram em tamanha gargalha.

## O filho que foi estudar na capital

Era com lágrimas nos olhos que minha avó contava essa história. Relembrar aquele fato apertava-lhe o coração. “E hoje ainda redamam”, lamentava ela, assim que chegava ao fim da história, da triste história.

Terezinha e os seus nove filhos moravam todos em Palmeira dos Índios, e tinham uma vida simples, marcada pelo trabalho e pela monotonia do dia a dia. Um dia, porém, seu filho Lula decidiu estudar Engenharia Civil na Capital.

E a história foi essa: O Lula passou no vestibular e foi morar em Maceió. Na época, as coisas estavam muito difíceis para a família, e o que ela e o que marido poderiam dar de ajuda ao meu tio era muito pouco, suficiente apenas para ele pagar o aluguel de um quartinho. Mesmo com o surgimento das primeiras dificuldades, o Lula não desistiu do seu sonho e, mesmo depois de muito os seus pais dizerem que não poderiam arcar com todas as despesas que ele enfrentaria, resolveu ir embora.

Chegando lá, ele foi procurar um lugar para morar, um lugar que ele pudesse pagar com a ajuda que receberia. Achou o local, mas não achou meios de fazer todas as refeições. Fazia-as como dava, com o dinheiro que conseguia com pequenos serviços de limpeza num mercado que ficava em frente ao seu quartinho.

Aconteceu que Lula começou a estudar de manhã e a trabalhar no mercado todas as tardes, incluindo os finais de semana. Mas seu salário era tão pouco que ele passava tamanhas necessidades, até chegar ao ponto de, em determinado momento, não ter o que comer. Além da alimentação, tinha que pagar as passagens de ônibus até a faculdade e as apostilas necessárias para as aulas.

E era essa parte da história que mais doía o coração da minha avó. Era impossível não se sensibilizar ao ver a dor de um mãe que chorava ao relembrar das dificuldades enfrentadas pelo seu filho. “Como se não bastasse o fato dele estar longe da gente”, lamentava ainda mais.

Começou a estudar o Lula, e as dificuldades só aumentaram. Ele vivia pedindo adiantamentos a seu patrão para pagar as apostilas e as passagens. A parte da comida ficava como preocupação secundária para aquele homem que queria ser alguém na vida e dar muito orgulho a sua família.

Então não foram raras as vezes que meu tio ficou sem comida. E eu sentia muito quando ouvia isso da minha avó. Sentia porque hoje as coisas estão mais fáceis, as condições para os estudantes são mais favoráveis e as Universidades dispõem de bolsa-trabalho para os alunos. Mas há trinta anos esse tipo de auxílio era raro.

Nessa vida de correria e refeições mal feitas, meu tio adoeceu. Ele pegou uma gripe forte e precisava, pelo menos durante os dias em que ficasse acamado, alimentar-se. Foi então que um anjo apareceu na sua vida.

Uma senhora, a Dona Diva, que também morava em Maceió estava de passagem por Palmeira dos Índios e resolveu visitar sua grande amiga Têca. Depois de todos os cumprimentos, minha avó contou-lhe que seu filho Lula estava estudando na Capital, e que tinha acabado de ligar dizendo que estava perdendo aula e trabalho porque mal podia levantar-se da cama. Dona Diva disse que ela não se preocupasse, que apenas lhe desse o endereço do quartinho de Lula que ela fazia questão de ajudar-lhe. No outro dia, ao chegar a Maceió, Diva foi atrás de Lula. Encontrando-o moribundo levou-o até sua casa, deu-lhe comida, deu-lhe remédio, como se ele fosse o seu próprio filho. Lula se recuperou e ficou morando na casa de Dona Divã até o último ano de faculdade, quando conseguiu um estágio numa construtora.

“Que mulher boa!”, “ Eu devo tanto a ela”, “Eu nunca vou esquecer do que ela fez pra mim”, “Dona Diva foi um anjo”, era assim que minha avó lembrava aquela história triste mas de final feliz. Talvez esse fosse o motivo dela dizer que, quando a gente mais precisa, Deus manda um anjo vir cuidar da gente.

-Sim, minha avó, anjos existem. – Tenho certeza que, no lugar de Dona Diva, a senhora faria o mesmo – dizia eu, na tentativa de confortá-la e fazê-la perceber que aquele episódio tivera um final feliz.

*O dia em que o feijão faltou*

Minha avó sempre dera uma importância fora do comum à comida. Para ela, numa casa poderia faltar tudo, menos o feijão e a farinha. E ela repetia sem cessar que “dinheiro aqui em casa não tem, mas comida nunca falta”. Até que um dia o feijão faltou.

Dona Terezinha sempre fora uma mulher humilde e caridosa, uma sensibilidade que ultrapassa os limites do considerado normal. Não podia ver alguém pedir esmola que já oferecia um prato de comida, feliz por poder ajudar aos outros. E as pessoas ficavam agradecidas até demais pela bondade dessa senhora que, apesar de nunca ter possuído riquezas, não pensava duas vezes antes de dar de comer ao desconhecido necessitado que por ela passasse.

Todos os dias, ainda de manhã, o marido de Terezinha mandava-lhe feijão e farinha fresca comprados da roça vizinha a que ele trabalhava. O feijão faltou num dia em que meu avô mandara apenas o necessário para dez pessoas, pois parte do dinheiro ele usaria para, quando saísse da colheita de algodão, comprar material de construção para erguer o muro de sua casa. Assim, a comida estava contada para Terezinha e os seus filhos. Alguém que chegasse pedindo comida naquele dia, sairia de barriga vazia.

Se minha avó soubesse que alguém com fome bateria à sua porta, certamente ela teria dividido o pouco do pouco que o marido havia mandado. Como a comida sempre sobrava, ela sabia que se chegasse alguém sairia de lá satisfeito. Só que nesse dia a comida foi-se embora sem ela nem perceber.

Contou minha avó que nesse dia, quando todos tinham acabado de comer, bateu à porta um cidadão. Ela nem precisava ir perguntar o que era, quando um desconhecido batia à sua porta das duas uma: ou era má notícia ou era comida. E se fosse má notícia, o senhor, por ter tido o trabalho de se dirigir até a casa dela, sairia de lá de barriga cheia. Sairia somente se a comida tivesse sobrado.

Após o homem de meia idade, magro e de olhos fundos, perguntar-lhe se ela por acaso não poderia dar-lhe um prato de comida, pois fazia horas que ele caminhava à procura de um emprego, Terezinha mandou-o esperar e foi até as panelas fazer o prato do senhor. Ao dar conta de que não havia mais feijão, mas somente uma cuia de farinha, o que não era suficiente, já que ninguém conseguia ficar satisfeito apenas comendo farinha, ficou desesperada. “Isso nunca me aconteceu antes”, “eu nunca fiquei sem ter o que dar de comer pra alguém que tivesse com fome”, queixava-se a senhora que dessa vez iria ser obrigada a quebrar o seu ritual.

Dirigindo-se até a porta, apenas com uma cuia de farinha na mão, e com o olhar de quem havia perdido um filho, esticou a cuia para o homem e disse: - Meu senhor, hoje eu só tenho isso para lhe oferecer.

E o senhor, com o olhar de quem tinha perdido todas as esperanças, ergueu a mão, agradeceu, abaixou a cabeça e seguiu.

- Volte amanhã, senhor – Disse minha avó, que em seguida entrou em casa para lamentar-se pelo que acabara de ocorrer.

## **A Vassoura espanta gente**

Há muitos anos, estava minha avó, num dia daqueles de agitação em casa. Meninos para cuidar, casa para arrumar, roupa para lavar, era muita coisa para se fazer naquele dia que já estava começando. Sem poder imaginar que suas tarefas seriam interrompidas por visitas inesperadas, às cinco da manhã Dona Terezinha colocou o café para ferver.

Foram duas comadres da minha avó que vieram de um Sítio lá no Coité do Noia. Elas disseram estavam passando pela frente da sua casa e resolveram fazer-lhe uma visitinha. Visitinhas essa demoradas, e ainda por cima cheias de bagagens. Foram decididas a passar alguns dias. Dona Terezinha conta que levou o maior susto quando viu suas duas comadres, acompanhadas de três meninos cada uma, baterem à sua porta. Susto ainda maior levou quando reparou nas bagagens que elas traziam. “Não é possível, meu Deus!”, pensou.

É que naquela época as pessoas não tinham como avisar quando iam visitar algum parente. As visitas de dois, três, quatro dias, num pretexto de que estavam só se

estava de passagem, era comum . Uma mulher como a minha avó não seria capaz de expulsar aquelas comadres que, mesmo de longe, eram seus parentes. Mas ela também não poderia deixar que eles se hospedassem em sua casa por mais de um dia, pois, já conhecendo a comodidade desse povo, se ela permitisse, eles passariam mais de um mês em sua casa.

Foi então que ela decidiu expulsá-los por uma via indireta. Decidiu seguir uma antiga e comum crença vigente naquela época: colocar uma vassoura atrás da porta. Ela acreditava fielmente na veracidade desse ato. Enquanto as duas comadres se acomodavam na casa, sentando-se à mesa e indo até a chaleira servir-se de café, minha avó foi até o quintal, pegou a vassoura e começou a varrer a casa. Ela não podia colocar a vassoura atrás da porta indiscretamente, assim as comadres entenderiam a sua intenção.

Após fingir varrer a casa, pôs a vassoura atrás da porta de entrada da casa, que ela deixara aberta para reforçar o efeito que esperava. As comadres, danadas a conversar sobre a viagem, sobre o preço das verduras que elas tinham vindo comprar na feira, que nem perceberam. Minha avó voltou até a mesa, sentou-se e danou-se a conversar com as duas mulheres senhoras.

Depois de uma hora de conversas sobre o preço das coisas, sobre conhecidos que se mudaram para a cidade grande e sobre as fofocas de Dona Felicidade, uma senhora feirante que sabia da vida de todo mundo naquela cidade, minha avó entrou num assunto misterioso: começou a falar para as comadres sobre uns barulhos estranhos que ela tinha ouvido na noite anterior, barulhos que pareciam ser vindos de um lobisomem arranhando a sua porta. Naquela época era comum a crença em lobisomens e em mocinhas que, por agredirem suas mães, viravam bicho e outras histórias que atormentavam toda a população.

Depois de ter relatado o fato, ela levou as duas comadres, acompanhadas dos seis meninos, até a porta, passando pela vassoura apoiada na parede, para mostrar a prova do que ela estava falando. A porta estava cheia de arranhões profundos. As comadres ficaram estupefatas ao, com os olhos arregalados, examinarem os arranhões.

Voltaram até a mesa e continuaram a tomar o café e a conversarem. Até que uma das comadres disse que voltaria à feira para dar um recado importantíssimo que uma conhecida sua do Coité mandara dar a Dona Felicidade. A outra comadre reforçou a ideia dizendo que também precisava voltar à feira para comprar a abóbora do doce do marido. Minha avó sentiu que a vassoura atrás da porta tinha surtido efeito.

As comadres pegaram suas sacolas e seus filhos, agradeceram pelo café e foram embora. “Graças à vassoura”, disse Dona Terezinha. Graças a vassoura ou a história do lobisomem? Não, graças à vassoura, afirmava numa certeza que ninguém duvidava. E não adiantava questionar, a vassoura espantou aquelas visitas inesperadas

*Não é conversa de gente besta*

“Pobre do meu primo, morreu porque comeu pirão de depois bebeu água gelada”, lamentava-se minha avó sempre que contava essa história.

Silveira, um senhor de mais ou menos sessenta anos, costumava comer pirão e em seguida beber um copo de água. O pirão era servido especialmente para os homens que passavam a tarde toda trabalhando na roça; um alimento forte, saboroso, mas que não é capaz de matar ninguém.

Entretanto, a minha avó e maior parte da população de Palmeira dos Índios dos anos setenta acreditava que um copo de água após um prato de pirão era fatal. Quem fizesse isso, morreria minutos após. Era o mesmo que cometer suicídio.

Seu Silveira fazia parte da minoria que acreditava que isso era “conversa de gente besta”. Essas conversas não lhe metiam medo, o que fazia com que ele comesse o pirão e em seguida bebesse, com todo o gosto, a água. Até que um dia, logo após realizar o seu ritual, o homem fora encontrado morto no chão da cozinha de sua casa.

Foi o maior alvoroço quando o amigo que todos os dias ia com ele para o trabalho, depois de tanto chamá-lo, entrou na casa e o encontrou morto. Silveira era solteiro e não tinha filhos, um homem de poucos amigos e que gastara o seu tempo colhendo algodão embaixo do sol, sem alimentar-se direito, com uma saúde deveras comprometida. Ele morava a uns vinte minutos da casa da minha avó, tempo que ela gastou de quando soube do acontecido até chegar a casa do primo. Era preciso que alguém descobrisse a causa da morte.

Chegando na casa do primo, minha avó reparou na mesa o prato com restos de pirão e o copo com água pela metade. Não contou história e foi logo juntando as coisas.

- Tanto que eu disse ao meu primo...

Parece que a partir desse dia ninguém mais ousava dizer que o que a minha avó tanto dizia era conversa de gente besta. E aí de que dissesse que o Silveira tinha morrido por causa de um infarto.

**Rasga Mortalha**



De todas as superstições que minha avó teve, a da Rasga-mortalha era a que mais a amedrontava. Se ela ouvisse o canto da coruja, podia jurar que no dia seguinte um parente ou conhecido seu morreria.

A coruja, mais conhecida como rasga-mortalha tinha justamente esse nome por que o seu canto significava agouro dos fortes. Minha avó não duvidava disso. E ela dizia ter os devidos fundamentos que validassem sua crença. Não, ela nunca aceitou a ideia de que a pássaro que previa a morte era apenas uma de tantas outras superstições.

O fato é que em Palmeira dos Índios, como em outras cidadezinhas do interior de Alagoas, são comuns as notas de falecimento. Os familiares do falecido contratam um carro de som para andar pelas ruas comunicando quem foi o fulano que morreu, como ele era mais conhecido, o nome do pai, da mãe, dos filhos (se tivesse) e outros parentes.

E não tinha um dia que o carro de som não passasse nas ruas da cidade para anunciar a morte ou missa da morte de algum conhecido da minha avó. Conhecido sim, porque Terezinha podia jurar que sabia de quem se tratava naquele anúncio que estava passando. “Eita, Dona Margarida, aquela minha vizinha na época em que eu era solteira, morreu”, “Seu Jorge, aquele senhor que trabalhou com Cícero, faleceu”, dizia. Ela ouviu muitas notas de falecimento em toda a sua vida, o carro de som passava em frente a sua casa. Quase todos os dias morria gente na cidade, e o carro de som danava-se a anunciar. Quando não era morte, era o convite para a missa de sétimo dia, do primeiro mês ou do primeiro ano de falecimento.

Dona Terezinha tinha uma espécie de obsessão pela rasga-mortalha e pelo carro de som. Quando este passava na rua, com o anúncio: “Nota de falecimento. Convite.” ela interrompia qualquer atividade para correr até a janela e ouvir mais de perto que acabara de morrer. Quando o anúncio era de missa, ela simplesmente sacudia os ombros, decepcionada pelo aviso da coruja não ter sido confirmado. Mas isso não significava que a previsão tinha falhado, pois naquele dia ainda haveria morte, por mais que o carro de som não anunciasse, já que nem todo o mundo tinha condições de pagar o anúncio.

Para ela a rasga-mortalha anunciava a morte dessas pessoas de graça. Se o carro anunciava com o som, o pássaro anunciava com os gritos, e aquele servia apenas para confirmar este. E aí de quem dissesse ser mera superstição! Ela não aceitava que assim como o carro de som passava todos os dias, o pássaro também cantava todos os dias, sendo isso tudo apenas coincidência. Sua lógica prevalecia qualquer outra explicação racional.

## Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

